

O BRASIL E O PERIGO DO HISTORICISMO

Evaristo de MORAES Filho

HA' pouco mais de uma década acha-se em flagrante preponderancia entre nós o gosto pelos assuntos historicos. E' mesmo difficil deixar de encontrar entre os mais diversos ramos de especialização quem não se tenha visto tentado a fazer um passeiozinho aos dominios da historia. Começou essa senhora a parecer como que uma dama de grande beleza, disputada por todos, por pessoas realmente apaixonadas, de inclinações vocacionais profundas e verdadeiras, e por pessoas diletantes, simples curiosas de buraco de fechadura. O que é verdade, porém, é que nunca se viu em nosso passado essa vontade desenfreada de introspecção íntima, de volta sobre si mesmo, como alguém que procura virar a alma do avesso. Todas as faces estão debruçadas para baixo, na busca das origens remotas e proximas dos fatos presentes. Vivemos sob o signo da memoria.

Mas, se tal expediente é util e necessario, por um lado, por outro, torna-se altamente prejudicial e perigoso para o conhecimento do Brasil atual. Os fatos da historia só valem quando trazem em si mesmos e na sua valorização elementos que possam servir para explicar a razão de ser dos fatos presentes, quando servem de justificativas para o que aconteceu depois. Tirou disso, é quase que me-ro passatempo, de leitura vadia de aifarrabio, de rebuxca inutil de papel velho. Em outras palavras, o que interessa ao sentido entranhadamente humano da hora atual é a historia interpretativa, que conclui, que aponta uma direção, que auxilia a achar um caminho para

o futuro, e não aquela tradicional historia simplesmente episodica, narrativa, de detalhes perdidos e minuciosos, que se confunde em si mesma, como ourivesaria de excessivos relevos ornamentais. E, sem duvida alguma, são ainda bem raros os livros que se publicaram neste país gulados por um principio informativo doutrinario e amplo. Na maioria das vezes, entregam-se os seus autores ao dia-a-dia dos documentos rebuscados, limitando-se a apresentalos ao leitor tais como foram por eles achados. Reduz-se assim o seu papel a simples aparelhos mecanicos de revelação, como alguém que vai apanhando as pedrinhas que encontra ao longo da estrada, e se surpreende ao bater com o pé em alguma coisa que lhe pareceu um brilhante. E ás vezes não é.

Falando em linguagem clara, o que está havendo é o seguinte: entrega-se a grande maioria dos nossos escritores ás atividades historicas, deixando de lado, quase que em completo abandono, os estudos da sociologia. E aí é que está o perigo. Com esse excesso de voltas sobre si mesmo, com os olhos permanentemente virados para trás, estamos arriscando a urgente e necessaria compreensão do Brasil de nossos dias. Como exuberantemente já o demonstrou Leopold von Wiese, o notavel chefe da "escola das relações sociais", não basta a simples enumeração dos fatos historicos para que daí se possa extrair alguma conclusão de índole sociologica. A historia, como é sabido por todos e sobre isso muito se demoraram Rickert e Windelband no principio deste se-

culo — só se interessa pelos casos isolados, unicos em seu acontecer, que se individualizam por isso mesmo. Nem mesmo a filosofia da historia pode substituir a sociologia, os seus quadros não se coincidem exatamente. Podem se tocar, mas não se sobrepõem linha por linha. Na verdade, a sociologia sistematica tem em vista o estudo dos fatos sociais e das relações entre os homens no momento exato em que os mesmos estão sendo focados. Ha como que uma parada no tempo e no espaço, isolando-se bem nitidamente aquilo que vai ser analisado. Assim, muito pouco pode servir a materia historica á compreensão exata dos estudos sociologicos.

E é justamente esse o perigo do historicismo, que acarreta sempre em seu bojo um acentuado sentido de romantismo e de nacionalismo, denunciadores, por sua vez, de atitudes subjetivas, quer sob o ponto de vista individual, quer sob o social. Muitas vezes, fazem os individuos da historia como que um escudo para os problemas que os cercam por todos os lados. Representa a sua atitude uma autentica e vergonhosa fuga em face da realidade atual. Se o^o assoberbam as tremendas questões economicas, sociais, politicas do seu tempo, nada mais simples do que fugir para o passado. Trancam-se em arquivos e bibliotecas, até onde não cheguem o ruído e a celeuma dos homens de carne e osso, e comecam a se deleitar liricamente com a vidinha bem comportada de sujeitos que já passaram por aqui também. Sentem-se muito mais á vontade tranquilos e sossegados, entre coisas já arrumadas, sem movimento e sem imprevisto. Não

gostam e se espantam com as vontades dos homens que cruzam todos os caminhos da sociedade contemporânea, levando para diante os seus destinos também alijda em caminho, cheios de surpresas e de convites à compreensão. Mas os historiadores — referimo-nos aos historiadores românticos — pouco se importam com essas vidas que passam pelas suas portas. Aos jornais de 1945, eles preferem os de 1645. E se encontram em face dos problemas sociais do seu tempo como aquele personagem Wimibush do *Crome Yellow* de Aldous Huxley, que conecta muito mais o ordenamento do Ferdinando que inaugurou a sua dinastia, no século XVII, do que o que gastava a sua mulher por mês. E foi este mesmo personagem que, de certa feita, virou-se para um amigo seu e perguntou muito admirado se estávamos em guerra...

Esses historiadores românticos podem não saber quais as questões que agitam os homens nos dias de hoje, muitas vezes nem sabem mesmo os nomes atuais das ruas da sua cidade, ou o tipo de habitação, a moda de indumentária que se usa em seu tempo, nem o tipo de alimentação consumido pelos que o cercam, mas subem em detalhes comovedores os itinerários antigos de tal cidade, como andavam vestidos os seus habitantes, que espécie de refeições consumiam, como eram as suas casas, qual a colocação do banheiro, onde se encontravam para namorar e que espécie de receitas de doces gostavam mais. E o pior é quando se desentendem entre eles. Afinal então o luxo dos detalhes invidentes chega às raias do delírio. Desafiam-se ardentemente para ver quem conhece mais intimamente a vida dos seus queridos personagens. E estes pobres diabos não podem escapar ao vexame de se serem despidos em publico. Se muito bem se escondiam em vida, guardando cuidadosamente os seus segredos, vêm-se agora despidos em plena praça e espiados com avidez por olhos que usam lunetas.

Mas já é tempo de se procurar limitar esse espantoso gosto pelo passado do Brasil para se cuidar também um pouco do seu presente. Aliás, se tantos outros exemplos não bastassem, citaremos dois recentes, os dos historiadores Gilberto Freyre e Cabo Prado Júnior, que abandonaram as sombras de homens de quatro séculos atrás, para descerem para a rua em defesa de outros homens que ainda morreram e que ainda lutam por um mundo melhor. Valem os seus casos como exemplos simbólicos, mas isso só não basta. É preciso que se faça o levantamento vertical do Brasil à luz do que ensina a sociologia. Ao mesmo tempo que se procura indicar a justa solução para os seus problemas mais agudos. Estão faltando em nossa bibliografia os estudos monográficos das diversas regiões do país, onde sejam encarados de frente e com profundidade os seus

dados econômicos, educacionais, geográficos, sociais propriamente ditos, e assim por diante. Não se empregam as modernas técnicas de pesquisa social, através de entrevistas, de estudos de casos. As vidas rural e urbana são esquecidas em seu conjunto isolado e em seus confrontos comparativos. As bases geográficas, a formação populacional, as migrações, as estruturas sociais, os níveis de vida, os orçamentos domésticos, os problemas educacionais, morais e religiosos, as doenças, os desajustamentos sociais, tudo isso é quase que completamente abandonado ao favor dos estudos históricos. Sabe-se quase sempre como foram essas coisas no século XVII, mas nem de longe se suspeita com exatidão como vão elas sendo nos dias de hoje.

Deve-se, em grande parte, tal desprezo dos estudos de sociologia sistemática e aplicada entre nós à terrível opressão fascista do Estado Novo. Como não podiam criticar os desmandos e os erros do seu tempo, voltaram-se lacidas inteligências para as atividades da história. Com essa atitude, fugiam da tirania que os proibia de pensar livremente, ao mesmo tempo que a ironizavam com sutis comparações. Não havia maior arma contra os infalíveis estadistas e autores de 10 de novembro do que a simples análise imparcial da situação em que viviam as nossas populações, do campo e da cidade, da classe proletária ou da burguesa. A miséria é geral, os desajustamentos são alarmantes. Bastava uma simples pesquisa de entrevista nos mortos desta cidade do Rio de Janeiro, para que o seu autor se visse ameaçado de Tribunal de Segurança, para que o seu estudo não pude-se ser publicado e para que o seu próprio emprego estivesse em perigo, caso fosse funcional. Faltava ambiente e atmosfera de liberdade, capacidade de permitir a possibilidade de muitas sociais do seu tempo, com objetividade e coragem verdadeiramente científicas.

Para se ter uma clara idéia do contraste do que vamos escrevendo, basta que se pegue qualquer revista de sociologia, das muitas que se publicam nos Estados Unidos. Procuram sempre encantar os fatos que vão acontecendo pelo mundo à luz dos ensinamentos sociológicos, fazendo com que a sociologia se torne cada vez mais uma ciência aplicada, capaz de separar as causas dos acontecimentos que estuda e também de apontar a solução para os males que perturbam a vida do homem em coletividade. A situação real da sociedade americana é aí analisada a frio — as questões econômicas criadas pela guerra, a questão racial, as favelas, a imigração, o nível de vida das populações rurais, as suas migrações — de acordo com as teorias sociológicas de ser belas construções abstratas. São os brilhantes cas cabeças dos seus autores, para se tornarem instrumentos humanos empregados cientificamente para a solução dos problemas da humanidade de hoje.

Não importa como os homens viveram no passado, importa muito mais procurar saber desde já como irão eles viver no futuro. E o passado só se torna útil e atual quando pode ser informativo do presente, ajudando os contemporâneos a melhor compreender a razão de ser da sua vida, indicando-lhes as causas do seu desajustamento, facilitando-lhes por isso mesmo o justo emprego do remédio para os seus problemas. O Brasil precisa mais de raciocínio, e menos de narrativa.